

# Exportação deve liderar a retomada econômica

*Diretor do Banco Central prevê melhora da economia, mas somente a partir do segundo semestre*

SORAYA DE ALENCAR

**B**RASÍLIA – Depois das turbulências causadas pela crise da Rússia que levaram o País ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e culminaram com a desvalorização cambial e a adoção do câmbio flutuante, o diretor de Assuntos Econômicos do Banco Central (BC), Sérgio Werlang, começa a ver uma luz no fim do túnel. Ele disse acreditar que, dentro de condições fiscais equilibradas, será do setor exportador o papel mais importante na retomada do crescimento econômico do País.

O momento, no entanto, ainda é de ajuste e requer cuidados. “É preciso que haja calma”, afirmou Werlang. Ele ressaltou que, somente agora, depois da inquietação de oscilações bruscas no câmbio, as pessoas, principalmente os exportadores, “estão convivendo melhor com o câmbio flutuante”.

O diretor do BC disse acreditar que, com o crescimento das exportações e, se forem mantidas as condições de ajuste fiscal, “cada vez mais teremos calma no mercado”.

Todo esse cenário, no entanto, é previsto somente para o segundo semestre deste ano. Mesma época em que o BC deverá adotar o sistema de metas para o controle da inflação.

Segundo Werlang, na troca do sistema de metas monetárias – adotado provisoriamente – para o de metas de inflação, o governo terá mais condições de acelerar a queda dos juros. “Não tenho dúvidas de que as taxas serão reduzidas”, afirmou.

**Ajuste** – Três pontos foram relatados pelo diretor como fundamentais para o País começar a enxergar a luz no fim do túnel. O primeiro deles foram as medidas do ajuste fiscal. “Tudo que o Brasil deveria ter feito antes e não fez, ago-



Sérgio Werlang, do BC: “Cada vez mais teremos calma no mercado”

## GOVERNO VAI ACELERAR A QUEDA DOS JUROS

ra está fazendo”, destacou, sem esquecer o apoio dado pelo Congresso Nacional.

Para ele, o País perdeu a chance de promover um equilíbrio fiscal ao

não cumprir as medidas do Pacote 51 criado depois da crise da Ásia, em outubro de 1997, e deixado de lado. “Ali foi a origem de tudo”, avaliou. Os outros dois pontos foram o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o compromisso dos bancos internacionais de manterem suas linhas de crédito comercial ao País.

“São condições suficientes para financiarmos o balanço de pagamentos”, destacou. Ele lembrou que, imediatamente depois da crise da Rússia, “o Brasil entrou numa rota de aumento do déficit em transações correntes enquanto o País crescia menos”.

Com isso, argumentou, o País acabou chegando a uma situação de inconsistência e perda das suas reservas internacionais. “O mundo estava sacando dinheiro do Brasil”, considerou.

A opção pelo câmbio flu-

tuante foi a mais acertada. Segundo ele, o BC errou ao tentar manter o sistema de bandas. “Mas não insistiu no erro”, ressaltou. A política econômica atual, em sua opinião, é coerente e por isso ganhou o apoio “maciço” dos bancos internacionais.

**Metas** – O trabalho agora será o de brigar para que o ambiente interno continue o mais estável possível. “Por isso, o sistema de metas para controlar a escalada inflacionária e permitir que as pessoas possam continuar vivendo sem inflação num horizonte longo”, justificou ele.

Nem a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do sistema financeiro que está sendo pedida pelo PMDB, na avaliação de Werlang, poderá promover estragos nesta perspectiva para o País. “A CPI não é motivo de preocupação e não teria implicações que pudessem levar a uma mudança na condução da atual política econômica”, disse o diretor.

Na mesma medida, Werlang descartou o efeito Armínio Fraga. Para ele, a luz que se enxerga no fim do túnel é devida ao programa coerente do governo. “Não é uma questão de peso de uma pessoa.”

Dida Sampaio/AE